

**A NATUREZA CONTRAFACTUAL DOS GESTOS
DE NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE
COGNITIVA E MULTIMODAL DE DOIS VÍDEOS DO *TALK
SHOW* “QUE HISTÓRIA É ESSA, PORCHAT?”**

Natalia Brito Silva (UESB)

britosilvanatalia1234@gmail.com

Beatriz Graça (UESB)

biafss@gmail.com

Maíra Avelar Miranda (UESB)

mairavelar@uesb.edu.br

RESUMO

A linguagem é uma ferramenta de comunicação inerente a todo ser humano, logo, uma ação social. Os gestos desempenham um importante papel nesse sistema comunicativo, sendo compreendidos como movimentos/ações pelas quais fazemos e compreendemos as coisas. Nesse tocante, a *contrafactualidade*, importante propriedade da mente humana, também auxilia no modo como produzimos, construímos e compreendemos os sentidos. Os indivíduos utilizam este processo mental para relacionar eventos, fatos ocorridos como forma de enfatizar situações passadas. Nessa perspectiva, os gestos de varrer, as partículas adverbiais juntamente com o pensamento contrafactual podem configurar informações no nível mental, construindo, assim, sentido negativo. Diante disso, o objetivo desse trabalho é analisar a natureza contrafactual dos gestos de negação que coocorrem com advérbios. Para a análise, selecionamos duas ocorrências do *talk show* “Que História É Essa, Porchat?”. Para a identificação e anotação dos gestos utilizamos o Sistema Linguístico de Anotação para Gestos (LASG). Os resultados preliminares confirmaram o potencial linguístico e multidimensional dos gestos de varrer, que, em algumas ocorrências, mesmo coocorrendo com advérbios, demonstram, ainda, um sentido de negação implícito. Visualizou-se a ocorrência desses gestos em enunciados positivos, compreendidos por meio dos processos mentais da contrafactualidade, isto é, fala e gesto são processados cognitivamente, representando, assim, eventos multimodais.

Palavras-chave:

Contrafactualidade. Gesto. Negação.

ABSTRACT

Language is inherent to every human being and, therefore, a social action. Gestures play an important role in this system, being understood as movements/actions by which we do and understand things. In this regard, counterfactuality, an important property of the human mind, also helps in the way we construct and understand meaning. Individuals use this mental process to relate events, facts that have occurred as a way of emphasizing past situations. In this perspective, sweeping away gestures, adverbial particles together with counterfactual thinking can process information at the mental level, thus building negative meaning. Therefore, the goal of this study is to analyze the counterfactual nature of negation sweeping away gestures that co-occur

with adverbs. For the analysis, we selected two occurrences of the talk show “*Que História É Essa, Porchat?*”. For the identification and annotation of gestures we used the Linguistic Annotation System for Gestures (LASG). Preliminary results confirmed the linguistic and multidimensional potential of sweeping away gestures, which, in some cases, even co-occurring with adverbs, also demonstrate implicit negative meaning. The occurrence of these gestures was visualized in positive utterances, understood through the mental processes of counterfactuality, that is, speech and gesture are cognitively processed, thus representing multimodal events.

Keywords:

Gesture. Negation. Counterfactuality.

1. Introdução

A língua é um sistema comunicativo envolvido por atividades cognitivas. Tais atividades são as maneiras que o ser humano estrutura suas experiências no mundo, organizando, construindo sentido e processando as manifestações linguísticas. Isso posto, percebe-se que os gestos estão amplamente presentes nas interações comunicativas. Diante disso, visualiza-se que, dentro do âmbito da linguagem não-verbal, os gestos assumem um importante papel na construção e compreensão dos sentidos, uma vez que a todo momento os seres humanos utilizam os gestos como parte consubstancial do aparato comunicativo. Para além desse amálgama de interrelações (linguagem verbal e não verbal) utilizados nas interlocuções, os indivíduos acionam determinados processos mentais para a compreensão e construção dos sentidos, e tais operações envolvem, principalmente, a integração conceptual e a habilidade dos seres humanos em operar processos contrafactuais.

Sendo assim, a todo momento, novos fatos e eventos ocorrem nas interações linguísticas e os seres humanos têm a capacidade de percorrer por vários cenários, isto é, possuem a habilidade de verificar mentalmente os resultados e fazer escolhas em questões de minutos. Desse modo, o potencial comunicativo dos gestos, juntamente com os enunciados verbais e os processos mentais de contrafactualidade, evidenciam o quanto os seres humanos moldam e acionam diversas ferramentas para efetivar e compreender as ações linguísticas. Em outras palavras, é também através dos gestos que os indivíduos veiculam e estruturam as nuances comunicativas.

Diante disso o objetivo deste trabalho é analisar a natureza contrafactual dos gestos de negação que coocorrem com advérbios em duas ocorrências do *talk show* “*Que história é essa, Porchat?*”, bem como evidenciar o potencial linguístico e multidimensional dos gestos de varrer,

que, em algumas ocorrências, mesmo coocorrendo com advérbios, demonstram, ainda, um sentido de negação implícito.

O presente trabalho está estruturado da seguinte maneira: inicialmente, discutimos sobre a linguagem e os gestos (gestos recorrentes e pragmáticos). Posteriormente abordamos, brevemente, as nuances que definem os processos da contrafactualidade. Após passarmos pelo referencial teórico, apresentamos o percurso metodológico adotado para a realização das análises da presente pesquisa. Em seguida, apresentamos nossas análises e, por fim, as considerações finais.

2. *Caminhando pela fundamentação teórica*

2.1. *A linguagem e os gestos*

A comunicação é inerente a todo ser humano, logo, é também uma ação social. Os gestos desempenham um importante papel nesse processo comunicativo, visto que fazem parte da interação face a face pela qual nos expressamos e conduzimos uma interlocução. Isto posto, os seres humanos se comunicam e atribuem significados às diversas ações comunicativas, desde a linguagem verbal, na qual as palavras têm um papel preponderante, até a linguagem não verbal constituída, por exemplo, por movimentos faciais, gestos, posturas, etc. Dentro do âmbito da linguagem não-verbal, os gestos assumem um importante papel na construção e compreensão dos sentidos, pois a todo momento os seres humanos utilizam os gestos como parte consubstancial do aparato comunicativo.

Nesse viés, percebe-se que os gestos recorrentes fazem parte constantemente dessas manifestações interativas. Ladewig (2014) caracteriza tais gestos como gestos parcialmente convencionalizados e culturalmente compartilhados, que podem ser nitidamente identificados dentro do fluxo de ações manuais. Tais gestos, sendo utilizados em diferentes contextos de uso, com diferentes falantes de uma comunidade de fala e mantendo uma inter-relação com a linguagem verbal, evidenciam o caráter multimodal da comunicação.

Nessa perspectiva, observando o amplo uso dos gestos nas interações, Ladewig (2014) propõe a diferenciação e a demarcação entre gestos recorrentes e outros tipos de gestos. Nesse aparato investigativo, o *continuum*, de acordo com Ladewig (2014), propõe considerar uma taxonomia

de gestos em termos de dimensões e não em termos de categorias. Diante disso a autora (2014) descreve que o grau de convencionalização dos gestos deve ser estudado não de uma forma isolada, mas a partir de uma categorização com base no grau de convencionalização. A figura abaixo ilustra o *continuum*:

Figura 1: Dimensão dos tipos de gestos



Fonte: Ladewig 2014, p. 1570)

O *continuum* categoriza os gestos do menos convencionalizado ao mais convencionalizado. Como menos convencionalizados, no início do *continuum*, temos os gestos singulares, que são descritos como gestos espontâneos, utilizados co-expressivamente com um determinado segmento de fala para atender necessidades comunicativas imediatas. Ao longo do *continuum*, temos ainda os emblemas, que são gestos que podem substituir completamente a fala, visto que são utilizados como gestos totalmente convencionalizados. Ao final do *continuum* e com um maior grau de convencionalização e gramaticalização, temos as línguas de sinais. Nessa categorização, entre os gestos singulares e os emblemas, Ladewig (2014) atribui a posição dos gestos recorrentes, categorizados como gestos que têm um grau de convencionalização parcial, pois estabelecem uma relação de forma e sentido que os diferencia dos gestos espontâneos e dos emblemas na medida em que não é tão transparente, quanto a relação forma-sentido dos gestos singulares, nem opaca como nos emblemas.

Desse modo, os gestos recorrentes operam no nível da fala, cumprindo funções performativas e/ou pragmáticas, podendo formar repertórios de gestos compartilhados dentro de uma cultura, visto que são usados repetidamente em diferentes contextos e seu núcleo formal e semântico permanece estável ao longo de diferentes situações e falantes. Isso posto, os gestos recorrentes, de acordo com Ladewig (2014), fazem parte da expressão multimodal do significado. Por isso, esses gestos não podem ser considerados emblemas, uma vez que seu significado é esquemático e não caracteriza uma forma pré-concebida como palavra ou expressão.

Assim, quando nos direcionamos para os gestos recorrentes com função pragmática, abordamos a relação comunicativa que os seres hu-

manos fazem constantemente com gestos. Nessa perspectiva, Payrató e Teßendorf (2014) discutem a natureza multimodal dos gestos recorrentes com função pragmática, ou seja, gestos que são multidimensionais e multifuncionais e, portanto, difíceis de controlar em seu uso diário. Tais expressões, segundo os autores supracitados, podem ser encaradas como movimentos ou ações pelas quais realizamos ações como: afirmar, questionar, prometer, negar ou jurar, e assim por diante (Cf. KENDON, 2016).

Esses aspectos caracterizam diferentes subfunções que os gestos recorrentes com função pragmática podem desempenhar, a saber: função performativa; função operacional; função pontuacional (ou analítica) e função modal.

Segundo Kendon (2016), os movimentos das mãos têm sido estudados como parte do conteúdo proposicional da expressão, fornecendo pistas sobre os processos mentais cognitivos que regem a fala (Cf. KENDON, 2016). Dessa forma, os gestos recorrentes, quando atuam com função pragmática, podem funcionar como marcadores da força ilocucionária de uma expressão, como operadores gramaticais e semânticos ou como pontuadores do discurso falado. Ao desempenhar a função performativa, a ação manual expressa ou faz manifestar a força ilocucionária do enunciado, ou seja, quando o gesto é proferido com um verbo performativo a ação é executada: quando um gesto é executado juntamente com o enunciado “eu aceito” ou “eu juro”, por exemplo, a ação de aceitar e jurar são realizadas, em outras palavras, essa subfunção pragmática evidencia a ação do verbo performativo no mundo físico. Nesse sentido, gestos pragmáticos performativos podem regular as ações ou o comportamento dos interlocutores.

Quando um gesto recorrente está funcionando com função operacional, a expressão manual opera em relação ao que está sendo expresso verbalmente, como quando alguém confirma ou nega algo. Kendon (2016) exemplifica que as ações manuais características de declarações negativas comumente expressam uma função operacional, mas essas ações também podem ser utilizadas juntamente com declarações positivas, como se os gestos manuais servissem para evitar todas as tentativas de negar o que está sendo dito.

Quando um gesto recorrente desempenha função analítica (também denominada pontuacional por Kendon), as ações manuais servem para evidenciar algum segmento ou componente do discurso (Cf. KENDON, 2016). Nessa perspectiva, os gestos manuais servem para marcar

ênfase, contraste, parêntese, conectar ou separar partes proferidas na interação, ou seja, enfatizar algo que é bastante específico e importante no enunciado. Nesse viés, um gesto comumente utilizado com função pontuacional, como exemplifica Kendon (2016), é o gesto de anel, o qual, muitas vezes, é utilizado para marcar o trecho do discurso que o falante considera ser de importância central para o que está sendo dito.

Quando desempenham uma função modal, os gestos recorrentes fornecem um *frame* interpretativo em relação ao que está sendo expresso verbalmente e marca uma atitude ou avaliação do falante em relação ao que está sendo dito. Nesse viés, o segmento ou componente do enunciado indica que o falante está dizendo algo que pode ser uma citação, uma piada, algo hipotético ou uma ironia. Kendon (2016) aponta que um gesto muito comum, característico de função modal, é o gesto de aspas, por exemplo. Quando o falante coloca o que está proferindo entre aspas, destacando que é algo hipotético ou irônico.

Nesse sentido, a motivação da forma e do sentido de um gesto recorrente, segundo Ladewig (2014), ainda é transparente, isto é, a base semiótica da qual a forma gestual é derivada contribui para o significado de um gesto. Assim, levando em consideração o teor comunicativo que a linguagem e os gestos desempenham no cerne interativo, na próxima seção serão apresentados, com um pouco mais de detalhamento, a família gestual de Afastar bem como as características de forma e sentido dos membros que a compõem.

2.2. A família gestual de Afastar

De acordo com Bressemer e Müller (2014), a família de gestos de afastar, (*The Awayfamily*), é composta por quatro gestos recorrentes, a saber: os gestos de *Varrer*, *Barrar*, *Espanar* e *Lançar*. Tais gestos compartilham características formais, e são caracterizados por um movimento (principalmente reto) para longe do corpo. Os gestos que compõem essa família são motivados por diferentes ações instrumentais e, do ponto de vista semântico, baseados no efeito de limpar o espaço próximo ao corpo, livrando-o de objetos indesejados.

Segundo Bressemer e Müller (2014), quando nos referimos a famílias de gestos, nos referimos a agrupamentos gestuais que têm em comum uma ou mais características formais. Assim, dentro de cada família, podemos encontrar diferentes formas que podem ser distinguidas em termos dos diferentes padrões de movimento que são empregados (Cf.

BRESSEM, MÜLLER, 2014). No âmbito das pesquisas linguísticas sobre gestos, Calbris (1990 *apud* BRESSEM; MÜLLER, 2014) salienta que investigar variantes de forma de um gesto pode não só fornecer novos *insights* sobre a relação entre forma e sentido, mas também pode revelar uma rede de componentes que estão interligados, que parecem determinar as nuances semânticas. De acordo com Bresse e Müller (2014), os membros da família de afastar apresentam um movimento para longe do corpo, realizado principalmente de maneira direta. Do ponto de vista semântico, a família é unida pelos temas de rejeição, recusa, avaliação negativa e negação.

O gesto devarrer, membro da família de afastar, de acordo com Bresse e Müller (2014), é um gesto recorrente no qual a(s) mão(s) com palma voltada para baixo são movidas lateral e horizontalmente para fora, principalmente com qualidade de movimento decisiva. Tais gestos, segundo as autoras, quando usados com função referencial, ilustram, por exemplo, um período de tempo, a ação de suavizar uma superfície plana ou limpar elementos de uma superfície. Já quando este tipo de gesto é usado pragmaticamente, eles são usados como formas manuais de negação. Bresse e Müller (2014) salientam que estes gestos criam um plano vazio ao redor do corpo, pois os obstáculos são completamente varridos ou excluídos do espaço corporal. Assim, com esse gesto, os tópicos de conversa (por exemplo, argumentos, crenças ou ideias) são completamente rejeitados, ou seja, metaforicamente são varridos do centro para a periferia, sendo, desse modo, negados manualmente.

No que diz respeito ao gesto de barrar, Bresse e Müller (2014) pontuam que são gestos recorrentes em que as mãos com a palma voltada para fora são mantidas na frente do corpo dos falantes, e que podem ser usadas tanto referencialmente quanto pragmaticamente. Nesse viés, quando usados pragmaticamente, funcionam para recusar ou uma indicação para parar. Além disso, qualificam, também, os objetos rejeitados ou interrompidos como indesejados. Assim, as mãos criam um bloqueio que impede que os objetos se aproximem ou simplesmente os afastam.

Os gestos de espanar são gestos recorrentes em que a mão plana e relaxada, com a palma voltada para o corpo dos falantes, é movido para fora em uma rápida torção de pulso. Segundo Bresse e Müller (2014), tais gestos desempenham funções dêiticas e pragmáticas. Ao espanar objetos de lado, o espaço do corpo se torna livre de argumentos, crenças ou ideias indesejadas e incômodas. Esses gestos compartilham o tema se-

mântico de rejeitar, remover ou dispensar tópicos incômodos da conversa, afastando-os rapidamente do corpo do falante.

De acordo com Bressemer e Müller (2014), os gestos de lançar são gestos recorrentes, em que a mão plana e com a palma voltada para longe do corpo do falante é movida para baixo com uma dobra do pulso. Esse gesto é utilizado em coocorrência com a fala, mas também a substitui em alguns casos. Tais gestos, segundo as autoras, têm um sentido pragmático e operam sobre a fala ou sobre o comportamento dos interlocutores.

Levando em consideração que os seres humanos acionam processos mentais como ferramenta para auxiliar na compreensão dos eventos comunicativos, discorreremos, na seção seguinte, especificamente a respeito da Teoria dos Espaços Mentais e a contrafactualidade.

2.3. A Teoria dos Espaços Mentais e a Contrafactualidade

2.3.1. A Teoria dos Espaços Mentais

Construir sentidos não é uma tarefa simples, pois trata-se de uma atividade que depende de complexas capacidades cognitivas. Pensando nesse aparato tão complexo, a Teoria dos Espaços Mentais, área da linguística cognitiva de destaque nessa perspectiva, conduz o pressuposto de que a construção do significado depende de complexas capacidades cognitivas, estruturadas por domínios denominados Espaços Mentais. De acordo com Fauconnier e Turner (2002), “os espaços mentais são domínios conceptuais constituídos na medida que pensamos e falamos (...)” (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 40). Dentro desse arcabouço teórico, encontra-se a Teoria da Integração Conceptual, também conhecida como Teoria da Mesclagem Conceptual, ramo teórico que estuda as operações cognitivas, mapeamentos e as projeções nos bastidores do processamento do conhecimento.

É neste aparato da integração conceptual que ocorre a dinâmica dos processos de construção dos sentidos. Tal cenário é composto por dois ou mais espaços mentais (*inputs*), um espaço genérico e um espaço-mescla (*blend*). Essas ligações entre espaços, segundo Fauconnier e Turner (2002), possibilitam correlações entre espaços reais ou imaginários, tempos, fatos hipotéticos e/ou contrafactuais, e essas nuances integradas na rede conceptual podem ser integradas em um mesmo espaço, construindo, assim, sentido. Nesse tocante, tais espaços mentais, segundo Ferrari

(2011), são criados na medida que o discurso se desenvolve, e esses espaços são “domínios que contêm representações parciais de entidades e relações em um cenário percebido, imaginado ou lembrado” (FERRARI, 2011, p. 109). Nesse viés, essa operação mental, segundo a autora, pode ser considerada a origem da aptidão humana para criar novos sentidos.

2.3.2. *Contrafactualidade*

De acordo com Fauconnier (1994), a contrafactualidade envolve processos que, tradicionalmente, são vistos como casos de raciocínio possivelmente válidos para premissas que são falsas na realidade. (FAU-CONNIER, 1994). Em outras palavras, configurar espaços contrafactuais é deduzir hipóteses sobre um universo alternativo, que, por sua vez, é incompatível com o mundo real. Dessa forma, a contrafactualidade, segundo Fauconnier (1994), é construída quando um espaço M1 é incompatível com outro espaço M2 e se alguma relação explicitamente específica em M1 não for satisfeita para os elementos em M2. Posto isso, Fauconnier (1994) pondera que há um conflito entre M1 e M2, visto que existe uma incompatibilidade (FAUCONNIER, 1994, p. 109).

Diante de tal nuance, para avaliar as condições de verdade dos contrafactuais, segundo o autor, existem duas questões gerais, a saber: os problemas de determinar quais afirmações verdadeiras são combinadas com as premissas falsas para realizar o raciocínio e o problema de determinar quando (e quais) leis lógicas se aplicam à contrafactualidade. Diante dessa questão, Fauconnier (1994) argumenta que, linguisticamente, não se aborda diretamente o problema lógico das condições de verdade, mas sim a questão cognitivo-semântica de como os espaços contrafactuais são configurados e estruturados. Isto posto, a contrafactualidade é um caso de incompatibilidade forçada entre espaços. (p. 109).

Nesta perspectiva, o fenômeno da contrafactualidade, importante propriedade da mente humana, auxilia no modo como produzimos, construímos e compreendemos os sentidos. Os indivíduos utilizam esse processo mental para relacionar eventos, fatos ocorridos como forma de enfatizar situações passadas. Desse modo, a contrafactualidade, de acordo com Fauconniere Turner (2002), diz respeito às operações da integração conceptual e à habilidade dos seres humanos em operar mentalmente no irreal. Nessa perspectiva, no que tange a construção do irreal, Fauconnier e Turner (2002) advogam que

[...] as pessoas fingem, imitam, mentem, fantasiam, iludem, enganam, consideram alternativas, simulam, constroem modelos, e propõem hipóteses. Nossa espécie tem uma extraordinária habilidade para operar mentalmente sobre o irreal, e esta habilidade depende de nossa capacidade de efetuar integrações conceptuais. (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 217)

Essas nuances, de acordo com Fauconnier e Turner (2002), de conceber novos cenários com valores complexos em qualquer domínio, ao fazer novas inferências e escolhas complicadas, é algo que pode ser executado como parte da vida mental e cultural das pessoas.

De acordo com Fauconnier e Turner (2002), os cenários contrafactuais, isto é, as construções contrafactuais na linguagem, são montados mentalmente não por meio de representações completas do mundo e fazendo mudanças discretas, finitas e conhecidas – entregando, assim, todos os mundos possíveis, mas, em vez disso, “por integração conceptual, que pode compor combinações esquemáticas que atendem aos propósitos conceptuais disponíveis” (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 218).

Nesse tocante, Dancygier e Sweetser (2014) salientam que o mundo que o ser humano conhece é o mundo que ele conceptualiza. Assim, o papel da linguagem, nesta visão, é orientar a conceptualização, estimulando espaços cognitivos e *frames*, em vez de simplesmente representá-los. As autoras apontam que, além de serem construções mentais, os espaços mentais são representações cognitivas parciais, pois envolvem duas ou mais entradas (*inputs*), ativadas previamente por *frames*. Assim, para ativar tais processos e, conseqüentemente, haver uma interpretação e construção do sentido, é necessário o acesso a um conjunto de conhecimentos que relacionam elementos e entidades associados à experiência humana. Dessa forma, ao contrário dos mundos possíveis, os espaços mentais não são construídos partindo do pressuposto de que os seres humanos estão acessando os seus sistemas cognitivos coerentes ou procurando coerência em cada um deles. Portanto, a todo momento, integramos estruturas cognitivas parciais a outras estruturas semelhantes.

De acordo com Dancygier e Sweetser (2014), compreender os fenômenos da alternatividade é muito importante para compreendermos os casos em que precisamos construir simultaneamente duas cadeias causais - uma real e outra negada ou contrafactual. Por exemplo, se alguém diz “Ele poderia ter conseguido aquele emprego” ou “Ele não conseguiu aquele emprego”, configura, ao mesmo tempo, dois cenários: um cenário em que o sujeito consegue o emprego, e outro (o verdadeiro) em que ele

não o conseguiu. Por meio de exemplos como esse, Dancygier e Sweetser (2014) salientam que:

[...] a contrafactualidade e a negação envolvem ambas as relações especiais, ou seja, uma alternativa. Os espaços positivos e negativos não podem ser mantidos no mesmo espaço de tempo, nem os espaços factuais e contrafactuais, pois são espaços alternativos. (DANCYGIER; SWEETSER, 2014, p. 82-3)

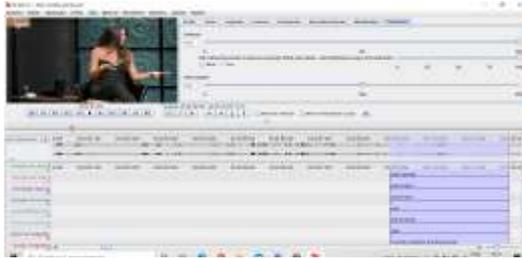
Assim, segundo as autoras supracitadas, o pensamento alternativo é frequentemente expresso pelas construções gramaticais, e estas construções fornecem *frames* interpretativos. Tais interpretações requerem o acesso a estruturas de conhecimento com base nas experiências humanas, nesse sentido, o pensamento alternativo é processado nos espaços mentais.

Desse modo, é por meio dessa dimensão de construção do significado que as relações, novas configurações, novas significações e conceptualizações são produzidas, e é nesse tocante que Fauconnier e Turner (2002) destacam a ampla habilidade dos seres humanos em operar mentalmente e realizarem processos cognitivos cada vez mais criativos.

3. *Percurso Metodológico*

Para realizarmos as análises dos dados deste trabalho, utilizamos o ELAN, programa de anotação de arquivos de áudio e vídeo. O ELAN é um programa que permite ao usuário utilizar uma série de anotações textuais e gravações. Assim, para a abordagem e análise dos fenômenos multimodais investigados neste trabalho, criamos trilhas nesse *software* conforme os parâmetros do Sistema de Anotação Linguística para Gestos, o LASG, desenvolvido por Bressemer, Ladewig e Müller (2013). Tal sistema permite uma abordagem linguística e cognitiva para o uso da linguagem e uma abordagem baseada em formas para análise do gesto. Nesta perspectiva, o sistema aborda aspectos necessários para uma descrição de formas gestuais e uma reconstrução de seus significados e funções com ou sem segmentos de fala, dividido em três grandes blocos: 1) forma, 2) estrutura sequencial de gestos em relação à fala e outros gestos, 3) contexto local de uso. Mas, nesta pesquisa, para a identificação e análise dos gestos, levamos em consideração o primeiro e o terceiro bloco do LASG.

Figura 1: *Layout do ELAN.*



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ainda como recurso metodológico, utilizamos a plataforma do YouTube para coletar os vídeos do *talk show*, “Que História É Essa, Porchat?”. Como critério para seleção dos vídeos, levamos em consideração o contexto comunicativo de interações face a face, bem como os aspectos formais dos gestos de afastar pré-identificados.

3.1. Metodologia e análise

Para análise do corpus desta pesquisa, levamos em consideração o primeiro e o terceiro bloco de anotação gestual do LASG. O primeiro diz respeito à anotação da formado gesto, neste nível de anotação, analisamos as formas manuais dos gestos da família de afastar em ocorrências do Português Brasileiro, com intuito de percebermos qual(is) as formas que mais coocorrem com partículas adverbiais. Num primeiro momento, descrevemos as formas dos gestos sem levar em consideração a fala. Tal bloco é subdividido em unidades determinantes, anotação da forma e motivação da forma. Dentro desse primeiro bloco, segundo Bressem, as Unidades determinantes assumem que o

[...] padrão de movimento coocorre com a fala e tem uma organização hierárquica que parece coincidir com unidades de fala, de modo que os gestos formam unidades maiores, que correspondem a unidade de nível verbal. (BRESSEM *et al.*, 2013, p. 1102)

O LASG, dentro desse primeiro bloco, também descreve as formas dos gestos em quatro subparâmetros: forma da mão, orientação, movimento e posição no espaço de gestos, assim, após focalizar as formas, o foco da anotação muda para a motivação, que analisa os processos semióticos envolvidos na criação do gesto.

Em um segundo momento, após a anotação das formas dos gestos, utilizamos, de maneira adaptada, o terceiro bloco do LASG, a anotação do gesto em relação a fala. Nesse nível de análise, levamos em consideração a fala no momento exato da realização do gesto. Em um primeiro momento, anotamos a classe de palavra, nível de anotação que nos fornece uma base necessária para determinar a relevância dos gestos e seu significado multimodal, pois nos permite descrever, do ponto de vista sintático, qual a classe de palavra que está co-ocorrendo com o gesto analisado. Após analisarmos a classe de palavra, anotamos a função do gesto na interação, ou seja, se estão funcionando com função performativa, pontuacional, operacional ou modal. Por fim, anotamos o tipo de advérbio que coocorre com o gesto, ou seja, se trata-se de um advérbio de lugar, tempo, afirmação, intensidade, modo ou negação.

4. Análises e discussões

A primeira ocorrência consiste em um vídeo de duração de sete minutos e cinquenta e oito segundos (7:58), que consiste em um episódio do *talk show* “Que história é essa, Porchat?”, no qual o mediador e apresentador Fábio Porchat conduz a contação de histórias de convidados famosos e anônimos. Entre os convidados deste episódio, está a atriz Manu Gavassi.

Quadro 1: Representação multimodal da ocorrência 1

Gesto: mão aberta, a palma para baixo, movendo-se do centro à periferia do espaço gestual		
“mas que era	<u>só</u>	a galera deles mesmos”
Preparação	Núcleo	Retração

Fonte: Elaborado pelas autoras. Vídeo retirado da plataforma do *YouTube*.

A atriz narra um episódio de sua vida no qual, em uma noite no Rio de Janeiro, tentou, junto com uns amigos, entrar de penetra na festa da *popstar* MileyCyrus. No decorrer da contação da história, Manu salienta que estava tentando arranjar um jeito de entrar na casa em que a can-

tora Miley Cyrus estava promovendo a festa. Ao descrever como conseguiu entrar na festa, que ocorria em um condomínio fechado, Manu descreve que precisou de três telefonemas para saber quem era o proprietário da casa que estava promovendo a festa. Ao ligar para um amigo conhecido que morava naquele condomínio, Manu narra que a pessoa na ligação falou que a “galera da Miley” estava na casa de um famoso e que ele (o amigo) tinha feito a lista de convidados, mas que era “SÓ” para pessoas selecionadas. Ao narrar esse momento, ao dizer “mas que era SÓ a galera deles mesmos”, Manu realiza um gesto de varrer, com a mão aberta, a palma para baixo. Esse gesto está coocorrendo com o advérbio de exclusão “só”, e percebe-se que há uma relação semântica de contrariedade entre o gesto e fala, visto que o gesto de varrer não está coocorrendo com nenhuma partícula negativa. Entretanto, temos, nesse dado, um sentido negativo implícito, na medida em que o enunciador direciona, semanticamente, para a ideia de exclusão de outras pessoas, de maneira conceitual, isto é, no nível mental da contrafactualidade.

Segundo Fauconnier e Turner (2002), o processo mental da contrafactualidade é uma propriedade da mente humana, que nos auxilia não somente na maneira em que pensamos, mas, também, no modo como produzimos, construímos e compreendemos os sentidos. Diante disso, ao observar essa ocorrência, percebeu-se que no processamento do teor discursivo, fala e gestos são processados cognitivamente, isto é, o contexto da forma e do sentido gestual, juntamente com o enunciado, faz com que percebemos a manutenção do sentido negativo, de maneira implícita, construído por meio das propriedades mentais da contrafactualidade.

Para além dessa manutenção implícita da negação, este gesto pragmático está funcionando com função pontuacional, isto é, as ações manuais evidenciam o segmento ou componente do discurso, enfatizando, assim, algo que é bastante específico e importante no enunciado, no caso, o advérbio “só”.

A segunda ocorrência está alocada também no *show* “Que história é essa, Porchat?”. Esse vídeo tem duração de oito minutos e dois segundos (8:02), e um dos convidados é a atriz Isis Valverde, que, na ocasião, narra um evento que aconteceu com ela ao perder a unha durante uma tri-
lha.

Quadro 2: Isis Valverde narra a experiência em que perdeu a unha por encerrar uma trilha sem tênis.

Gesto: mão aberta, a palma para baixo, movendo-se do centro à periferia do espaço gestual		
“curtir este momento solteirice, no auge, curtindo	<u>muito</u> ”	
Preparação	Núcleo	Retração

Fonte: Elaborado pelas autoras. Vídeo retirado da plataforma do *YouTube*.

Ao contar a aflição história de uma viagem a Jericoacoara, onde foi fazer uma trilha sem utilizar um tênis, a atriz, inicialmente, relata que estava com uma vontade enorme de viajar com seus amigos, e essa vontade se deu pelo fato que ela sempre esteve namorando, e, naquele momento, ela queria aproveitar o fato de estar solteira. Isis, no momento da interação diz: “curtir este momento solteirice, no auge, curtindo muito”. Ao proferir tal sentença, a atriz realiza o gesto de *varrer*, mão aberta, palma para baixo. Ao observar essa ocorrência, percebeu-se que o gesto está coocorrendo com o advérbio de intensidade “muito”. Diante disso, visualiza-se, também, que tal gesto está funcionando como um intensificador do enunciado e que há, ainda, uma nuance negativa implícita no gesto. Nesse tocante, mesmo que não tenha nenhuma partícula negativa no discurso, cognitivamente, há um sentido de negação, e isso é construído também por meio da contrafactualidade.

Diante de interações face a face como essas, podemos afirmar que o processo de decodificação e compreensão dos sentidos é uma habilidade humana em operar mentalmente, instanciando, assim, a construção dos sentidos por meio dos mecanismos comunicativos como gestos e fala. Nessa perspectiva, o processo de codificação do sentido do enunciado nessa ocorrência é ativado mentalmente por meio de pistas linguísticas do discurso, e isto é visto quando a falante relata que estava curtindo muito o momento de solteira. Ao narrar isso, percebe-se uma nuance de negação evidenciada pela exclusão, feita contrafactualmente, de um momento passado em que estava namorando, ao dizer que estava “curtindo muito”, há indício de um sentido negativo implícito. Além disso, o gesto

assume a função de intensificar o evento de “curtir”, isto é, desempenhando, assim, uma função discursiva pontuacional.

5. *Considerações finais*

Ressalta-se que a todo momento os seres humanos realizam processos cognitivos de decodificação linguística de atitudes e pensamentos, e que o raciocínio contrafactual constitui estruturas que podem ser mobilizadas em diversos contextos. Sabendo, também, que a linguagem é um instrumento de comunicação, mecanismo no qual os gestos também ocupam um lugar de suma importância, percebeu-se que nas ocorrências analisadas, os gestos de varrer, membro da família de gestos de afastar, não são apenas formas manuais de negação, como descritos em ocorrências mais prototípicas. Entretanto, visualiza-se que há uma nuance diferente do que se tem encontrado em pesquisas anteriores. Desse modo percebeu-se nas ocorrências investigadas, uma relação semântica de contrariedade entre gesto e fala, na qual esses dois mecanismos direcionam para diferentes nuances do enunciado, que podem ser compreendidas por meio do raciocínio contrafactual.

Assim, por meio das análises, os resultados preliminares confirmaram o potencial linguístico e multidimensional dos gestos de *varrer*, que, em algumas ocorrências, mesmo cocorrendo com advérbios, demonstram, ainda, um sentido de negação implícito. Assim, por meio dos dados, visualizou-se a ocorrência desses gestos em enunciados verbais positivos, compreendidos por meio dos processos mentais da contrafactualidade, isto é, fala e gesto são processados cognitivamente representando, assim, eventos multimodais. Isso posto, percebeu-se a natureza contrafactual de alguns gestos de negação no Português Brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRESSEM *et al.* Linguistic Annotation System for Gestures. In: MÜLLER, C.A.; CIENKI, E.; FRICKE, S.; Ladewig, D.; MCNEILL, S.T. (Eds). *Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. v. 1. Berlin: De Gruyter-Mouton, p. 1098-124, 2013.

BRESSEM, Jana.; MÜLLER, Cornelia. The family of Away gestures: Negation, refusal, and negative assessment. In: In: MÜLLER, C.A.; CIENKI, E.; FRICKE, S.; Ladewig, D.; MCNEILL, S.T. (Eds). *Body –*

Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction (Handbooks of Linguistics and Communication Science 38.2.). Berlin: De GruyterMouton, 2014.

DANCYGIER, Barbara. SWEETSER, Eve. *Viewpoint in Language: a multimodal perspective*, 2012.

DANCYGIER, Barbara. SWEETSER, Eve. *Figurative Language*. University Press. 2014.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press. 1994.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The Way WeThink: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: contexto, 2011.

KENDON, Adam. *Gesture: Visible Action as Utterance*. Cambridge University Press, 2004

KENDON, Adam. *Pragmatic functions of gestures: Some observations on the history of their study and their nature*. *Gesture* 16:2, doi 10.1075/gest.16.2.01ken. 2016. p. 157-75

LADEWIG, Silva H. Recurrentgestures. In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; BRESSEM, J. (Eds). *Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction. V. 2*, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2014, p. 1558-74.

PAYRATÓ, Lluís; TEBENDORF, Sedinha. Pragmatic Gestures. In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; BRESSEM, J. (Eds). *Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction. V. 2*, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2014. p. 1531-39